

Professora: **Mirtes Ramos dos Santos Melo**

Creche Municipal João Eugenio – Recife/PE

Título

Vou contar uma história pra tu, tá?

Resumo

O Projeto *Vou contar uma história pra tu, tá?* teve como proposta estimular o hábito da leitura nas crianças apresentando para elas os benefícios que as histórias proporcionam em suas vidas quer como leitoras, ouvintes ou contadoras. Para isso as crianças participaram de diversas atividades lúdicas envolvendo contação de histórias e leituras.

O projeto, além de envolver as crianças, trouxe seus pais como participantes imprescindíveis ao seu sucesso. Em suas residências, eles se comprometeram em contar e ler histórias para seus filhos e em ouvir as histórias criadas por eles.

O resultado dessas experiências foi registrado em um livro que foi distribuído para todos os participantes no momento da culminância do projeto. Nele estão contidas todas as experiências vivenciadas durante seu desenvolvimento pelas crianças, pais e educadores. Foi nítido que as crianças tomaram gosto pela leitura, que os pais se regozijaram pelos momentos lúdicos que passaram com seus filhos, que os educadores se emocionaram pelos resultados

Planejamento

No início do ano, busquei conhecer melhor as crianças e suas famílias. Em várias ocasiões, percebi que, ao chegar à creche, muitos pais, embora se fizessem presentes, estavam conectados com o mundo através das redes sociais, porém não estavam com os seus filhos. Por outro lado, constatei que nas atividades pedagógicas, como nas rodas de conversas, as crianças demonstravam interesse nas leituras e contações de histórias, e que, durante o dia, era comum ver algumas delas manuseando livros. Observei também que na chegada algumas faziam esse pedido aos pais que, mesmo estando na sala, na maioria das vezes conectados aos celulares, nem percebiam esse movimento das crianças, e, quando percebiam, continuavam conectados aos celulares ou colocavam algum joguinho e davam o aparelho as crianças, outros apenas trocavam as roupas das crianças e iam embora.

Através de conversas com esses pais, percebi que essa realidade também se estendia ao lar. Dessa forma, sabendo desse interesse das crianças, bem como da importância de cultivar desde cedo o gosto pela leitura e acreditando ainda mais que esse hábito, quando cultivado em família, aproxima todos os seus membros, além de aumentar a bagagem cultural do núcleo familiar, resolvi programar ações que viessem a estimular a leitura na creche e no lar.

A arte de contar histórias remonta a algum tempo, quando famílias se sentavam embaixo de árvores para narrar seus contos. Esse hábito, além de aproximar as pessoas, aguçava a imaginação e deixava viva a memória de vários povos. Observando que nos tempos atuais, por diversos fatores, essa prática vem se perdendo, desenvolvemos o projeto *Vou contar uma história pra tu, tá?*, que busca reacender essa fogueira literária, para que juntos, família e creche mantenham acesa a chama da leitura e contação de histórias.

Desta forma, elaboramos um projeto com os conteúdos: leitura; conto, reconto e criação de histórias. Este projeto tem como objetivos: possibilitar a integração dos pais com os filhos; estimular o gosto pela leitura; estimular a criatividade; incentivar a leitura; incentivar o contato com os livros; estimular a oralidade. Para atingir nossos objetivos, planejamos cinco etapas: I – Envolvendo as crianças; II – Envolvendo os pais; III – Trabalhando com todos, mudanças de atitudes; IV – Aula extraclasse; V – Café com histórias.

“A arte de contar tem estreita relação como dom de ouvir” (BEDRAN, 2012, p.21), e as crianças precisavam ser ouvidas. Desta forma, comecei minhas leituras por Bia Bedran, que me alimentou nas contações de histórias, e como eu queria incluir todos, não poderia deixar de propor, além de leituras, contações, pois os contos oriundos da tradição oral, além de aguçar a criatividade e a imaginação, daria oportunidade de todas as famílias participarem, até aqueles familiares que não sabem ler. “(...)defendendo a literatura infantil como agente formador, por excelência, chega-se à conclusão de que o professor precisa estar sintonizado com as transformações do momento presente e reorganizar seu próprio conhecimento ou consciência de mundo(...)”. (COELHO, 2000, p.30).

Os livros paradidáticos para leitura ou contações com as crianças foram escolhidos buscando atender os interesses e necessidades do grupo. Durante o processo, várias histórias de diversos autores foram lidas ou contadas. Posso citar como um dos livros lidos para as crianças *Bruxa, bruxa venha à minha festa* (Arden Druce), li para os pais *A verdadeira história dos três porquinhos* (Jon Csieszka, tradução Pedro Maia Soares) e contei *O Compadre da Morte* (Luiz Câmara Cascudo), além das histórias criadas por mim, e pelo grupo de crianças e pais.

Durante todo o processo, o auxiliar de sala participou das reflexões e tomadas de decisões, sendo o mesmo coautor deste projeto.

Diagnóstico

A sede da Creche Municipal João Eugênio, onde o projeto foi realizado, é localizada na Rua Gaspar Peres, Iputinga, Recife, próxima à Avenida Caxangá. É de fácil localização, em uma área comercial bastante movimentada. Por não termos muitas residências próximas, atendemos a várias comunidades, com destaque as do Detran e Brasilit, que tem o maior número de crianças atendidas, e algumas crianças da nossa vizinha cidade de Camaragibe. Contamos também com um anexo que funciona aproximadamente a 800 metros de distância da sede com duas turmas: um grupo II e um grupo III. A sede funciona com quatro turmas, que em 2016 foram organizadas da seguinte forma: um grupo I, dois grupos II (o projeto foi desenvolvido no grupo IIA), e um grupo III. A sede da creche funciona numa casa adaptada. Temos um terraço, uma sala de professores, uma diretoria, os espaços onde seriam os quartos funcionam como sala de aula, uma cozinha, banheiros para as crianças, banheiros para os adultos, uma lavanderia, uma pequena área na frente com brinquedos (parque), um almoxarifado de material de limpeza, um almoxarifado de material pedagógico, e onde seria a garagem funciona o refeitório. É um espaço pequeno, porém aconchegante. Temos um acervo com alguns livros paradidáticos que são guardados em um armário com chave e usados pelos educadores da creche.

O projeto foi desenvolvido em uma turma com crianças de dois anos de idade. É uma turma animada, questionadora e participativa. No início do ano, a maioria das crianças ainda não falavam, apenas algumas pronunciavam palavras soltas. A maioria se comunicava por gestos. Um

dos nossos desafios foi ampliar a oralidade e autonomia das crianças em parceria com as famílias, e ampliar o acesso ao acervo de livros da creche às famílias.

Grande parte das famílias trazem suas crianças para a creche a pé ou de bicicleta. As famílias das crianças onde o projeto foi desenvolvido são na maioria trabalhadores domésticos, alguns comerciários, um mecânico e uma auxiliar de enfermagem.

O diagnóstico inicial foi feito durante o mês de fevereiro através de observações, fotografias e conversas com as crianças e seus familiares.

Desenvolvimento

Etapa I – Envolvendo as crianças: Percebendo o interesse das crianças pelos livros, fizemos nossas rodas de leituras e contações diárias. Nossas histórias aconteciam em vários locais: na sala, no pátio, no banheiro, no refeitório, e muitas vezes começavam em um local e terminavam em outro. Nossa imaginação nos levava aos mais diversos lugares: castelos, florestas e até para a Lua. Nas nossas histórias, assumimos vários papéis, e os objetos se transformavam naquilo que nós quiséssemos. As crianças estavam tão envolvidas, que o hábito de pegar livros para ler no cesto da sala se intensificou, sempre víamos crianças lendo ou contando histórias uma para as outras. Usei lençóis, fantoches, caixas, brinquedos, e muitos outros objetos, além das leituras dos mais diversos livros. Essa etapa se manteve viva durante todo o processo, e como um espiral foi se juntando às outras etapas, enriquecendo o processo.

Etapa II – Envolvendo os pais: Na nossa primeira reunião com os pais, iniciei perguntando quem já ouviu a história dos três porquinhos, a grande maioria afirmou que conhecia. Então segui perguntando quem era o vilão da história, e todos disseram que era o lobo mau. Diante dessa afirmativa, perguntei por que o lobo era o vilão, e se alguém já tinha o escutado. Após ouvir as respostas dos pais, li para eles a verdadeira história dos três porquinhos, que é a história contada pelo lobo. Em seguida, continuamos a conversa sobre quem era o vilão da história, se eles agora tinham mudado de opinião, etc. A reunião seguiu com outros assuntos, e depois contei para eles a história *O Compadre da Morte* (Luís Câmara Cascudo), e então puxei uma conversa sobre a diferença entre ler e contar história e também conversei sobre autoria, e disse que nós íamos ser autores de uma história coletiva. A reação deles foi engraçada. Eles riam, e se entreolhavam. Então peguei uma caixa que tinha vários objetos dentro e disse que eu ia puxar um objeto e começar a história, a partir daí, a caixa ia passando e eles iriam tirar um objeto e inserir o mesmo na história. Enquanto a história estava sendo criada, o Auxiliar de Desenvolvimento Infantil (ADI) da sala ia escrevendo o texto criado, e a coordenadora da creche fotografando. Terminando a história, todos riam com o desfecho. Lancei a pergunta: Quem lê ou conta histórias para seu filho? Para minha surpresa, apenas uma mãe disse que lia para seu filho. Então fiz a proposta: Será que vocês poderiam ler ou contar histórias para seus filhos? Eles riram, fizeram uma cara de espanto, mas concordaram. Então perguntei se seria possível eles enviarem os registros desses momentos, se podiam fotografar e trazer para mim. Foi quando um dos pais sugeriu a criação de um grupo de WhatsApp da turma. Todos os pais gostaram da ideia, apenas uma mãe não tinha o aplicativo, mas disse que enviaria pelo celular da vizinha. O pai que sugeriu pegou todos os números e criou o grupo. E assim terminamos nossa reunião com esse compromisso firmado. No dia seguinte, fui procurada particularmente por uma das mães que, emocionada, veio parabenizar pela reunião, agradecer, e disse que foi a primeira vez que alguém leu uma história para ela, que viajou na história, e que ia sim ler para seu filho.

Etapa III – Trabalhando com todos, mudanças de atitudes: Dando continuidade ao trabalho, reuni fotografias tiradas na reunião com os pais contando histórias e revelei, colocando suas falas em balões feitos histórias em quadrinhos. Conteí para as crianças a história, mostrando as imagens. Os olhos delas brilhavam, e iam às gargalhadas quando viam as fotos. Essa história foi fixada na parede da sala, e era muito comum ver as crianças fazendo carinho nas fotos dos pais e ou criando outras histórias a partir das imagens. Os pais também ficaram surpresos ao chegarem e verem suas fotos e a história na parede da sala. E então as fotos via WhatsApp começaram a chegar. Inicialmente, algumas mães se arriscaram em contar histórias para seu filho dormir, mas aos poucos, como todos estavam no grupo, as imagens de um foram incentivando o outro, e quando vi todos estavam participando. E o projeto cresceu tanto que recebi fotos de mães, pais, irmãos tios, avós, bisavó e até vizinhos lendo ou contando histórias para as crianças. Algumas famílias colocaram um lençol na rua e foram ler para as crianças da vizinhança também, e, nesse contexto, crianças e senhoras vizinhas, além de ouvir, também leram uns para os outros. Ou seja, o projeto saiu da creche e chegou a famílias que não tem crianças estudando lá.

No final de semana, famílias levaram seus filhos para rodas de leituras na Arena Pernambuco. O Estádio Governador Carlos Wilson Campos, conhecido como Arena de Pernambuco, é um estádio de futebol construído em São Lourenço da Mata, município da região metropolitana de Recife, para os jogos da Copa das Confederações FIFA de 2013 e da Copa do Mundo FIFA de 2014 em Pernambuco. Com padrão internacional, tem capacidade para 44,3 mil pessoas e 4,7 mil vagas de estacionamento, sendo 800 cobertas. Após o Mundial, a Arena vem sendo usada para jogos de futebol, outras competições esportivas, feiras, convenções, *shows* e grandes espetáculos dos mais variados portes e tamanhos. Outras famílias levaram seus filhos para feira de livros, e também houve famílias colocando lençol ou cadeiras na rua e lendo e contando histórias com os vizinhos. Quando uma mãe comprava um livro, postava no WhatsApp dizendo onde comprou e quanto custou, algumas falavam até um pouco da história que leu para seu filho na noite anterior. No momento da troca de roupas das crianças, o assunto era leitura e contação.

Com essa teia de leitura que foi formada, o interesse de todos aumentou. Criei um texto contando um pouco do andamento dessa história, colocando algumas imagens do processo e fixando no corredor da creche. Pude constatar que o interesse das crianças pela leitura aumentou, chegavam até a pedir livros de presentes. Desta forma, comecei a provocar as crianças em mais momentos de contação. Eu colocava alguns objetos numa caixa, ia puxando e começava a história, depois eu simplesmente puxava o objeto e perguntava: e agora? E eles continuavam criando histórias, como essa: Um dia pegaram a panelinha e fizeram um mingau. Depois apareceu uma bruxa que foi andar no cavalo. Quando a bruxa estava andando no cavalo ela viu um peixe e colocou no prato. Depois ela ligou para a polícia dizendo que matou o peixe. E a polícia chegou e comeu o peixe. Inicialmente, escolhido por mim e pelo auxiliar da sala, o título do projeto era *Quem conta um conto, aumenta um ponto*, porém certo dia as crianças estavam brincando de casinha, quando uma delas foi ao cesto de livros e pegou um, sentou ao meu lado e disse: Vou contar uma história pra tu, tá? E sentou e leu para mim e demais colegas, que foram sentando para ouvir também a história. Após esse momento, quando a equipe da sala foi conversar sobre o que havia acontecido (pois sempre havia conversas sobre o fazer pedagógico com a equipe da sala), chegamos à conclusão que esse seria o nome do projeto, pois foi uma fala da criança, com muito significado e que retratava de fato o que estava acontecendo.

A creche tem um pequeno acervo de livros que é usado pelos educadores em sala de aula, então resolvi emprestá-los para as famílias. Inicialmente, tentei junto com a direção e coordenação um funcionário que se responsabilizasse por esses empréstimos, mas como não consegui, então eu mesma fazia isso. As famílias escolhiam os livros com as crianças, eu anotava, e depois que devolviam, dava baixa e eles escolhiam outro, e assim foi feito até o final do ano letivo. Durante todo o processo, havia livros à disposição das crianças, e elas sempre estavam lendo espontaneamente. As famílias também se empolgaram e comentavam no dia seguinte umas com as outras sobre as histórias lidas. Muitos relatos interessantes aconteceram nesse processo, posso citar um deles, em que uma das mães levou o livro *O menino da Terra*, de Ziraldo, e no dia seguinte chegou dizendo que, assim que iniciou a história, seu filho adormeceu, mas ela achou a história tão interessante que leu até o fim, pois havia ficado curiosa para saber o desfecho, e quando foi devolver o livro, disse: Professora, esse livro é muito interessante, e eu percebi que tem mais da mesma coleção. Vocês têm o restante? E quando disse que sim, perguntou se poderia levar para ler para ela, e assim foi feito. Essa mãe levou o livro *O menino da Lua* para sua leitura pessoal e outro para ler para seu filho. E esse ano (em junho de 2017), com o projeto já finalizado, fui surpreendida por essa mãe que veio me procurar pedindo ajuda para conseguir uma vaga numa escola pública para ela, pois quer voltar a estudar. Lembrando que essa é a mãe que no início do projeto não lia para seu filho, e que veio falar comigo que eu fui a primeira pessoa que leu para ela. Em outro dia, observando as crianças brincarem, notamos que elas pegaram um celular de brinquedo e começaram a fazer *selfies*. Fomos convidados a entrar na brincadeira, e no meio dela, o ADI pegou o celular dele e registrou esse momento tão espontâneo que serviu para finalizar nosso livro, com a seguinte frase: Era uma vez, era outra vez, era sempre uma vez.... E constatei que o celular, durante todo o processo, teve uma função muito importante: foi um dos recursos para troca de experiências entre o grupo. Além de fotos, todos os pais escreviam algo sobre suas vivências. O mesmo objeto que inicialmente nos afastava nos uniu em prol do mesmo objetivo.

Etapa IV – Aula extraclasse: Levamos as crianças para duas aulas extraclasse: a primeira foi para o zoológico (Horto de Dois Irmãos, localizado no Bairro de Dois irmãos, Recife – PE), pois na maioria das nossas histórias apareciam animais, principalmente o lobo, que era o favorito das crianças. Apreciamos imagens e criamos um texto contando os momentos que antecederam essa visita ao zoológico, então fomos até lá conhecer alguns de pertinho. Ao chegar, grande foi a emoção e os vários relatos ao conhecerem ao vivo esses animais. A segunda aula extraclasse foi para uma maratona de contação de histórias: *Monstruosas histórias de monstros monstruosos*, que aconteceu no SESC (Serviço Social do Comércio, unidade Santo Amaro, Recife – PE). Lá, mais um momento de muita leitura e com a participação das famílias. Nas duas aulas, além das crianças e famílias da minha sala, as das outras salas e anexo (a creche possui um anexo que funciona com duas salas de aula) também participaram. E depois, muitas outras histórias foram criadas.

Etapa V – Café com histórias: Reuni todo o material coletado durante o processo, fiz uma curadoria e montei um livro para entregar às famílias. Nesse material, conta-se nossa história durante o ano letivo, e conta também com uma avaliação de cada família. A Secretaria de Educação de Recife fez as impressões. Solicitei a uma instituição financeira um acervo com dois livros paradidáticos para cada criança da sede e fui atendida. No dia da culminância, tivemos um dia dedicado às leituras e contações. No horário da manhã, uma contadora de história do Programa Manuel Bandeira de Formação de Leitores, que foi criado em 2006 pela Secretaria de

Educação, Esporte e Lazer da Prefeitura do Recife com o objetivo de incentivar a leitura e a produção textual dentro das escolas da Rede Municipal do Recife foi ler e contar histórias para as quatro turmas da creche, e a tarde organizei o refeitório com a história de João e Maria (que foi a preferida da turma), e tivemos mais contação. Os pais foram convidados, lançamos o livro do projeto e relembramos alguns momentos vividos durante o ano. Cada família da sala ganhou um exemplar do livro, e cada criança da creche um acervo com dois livros paradidáticos de uma instituição financeira. O projeto iniciou em fevereiro e terminou em novembro.

Avaliação

Aprendizagem

Avaliei que durante e após o projeto o interesse das crianças pela leitura e pela contação de histórias mostrou-se bastante perceptível. A criatividade das crianças durante o processo aumentou, tornando-se mais aguçada. Era muito comum eles pegarem um objeto e criarem uma história. Esses objetos se transformavam naquilo que a imaginação deles quisessem. Algumas vezes as histórias eram criadas por meio de um jogo dramático em que cada participante ia se inserindo no contexto de forma espontânea, trazendo elementos, inclusive da sua realidade. Com isso, desenvolveram também a oralidade e a autonomia.

Outro ponto importante no projeto foi a participação de todas as famílias dos alunos no processo de uma forma bem mais abrangente do que havia sido proposto inicialmente, ocasionando com isso um maior entrosamento entre pais, filhos, avós, tios, bisavós e vizinhos, que se reuniam para ouvir e contar histórias. Importante salientar que o celular, que inicialmente estava de uma certa forma dificultando a relação entre as famílias, tornou-se um grande aliado do projeto.

A avaliação foi feita através de observações diárias, fotografias, vídeos e relatos das ações propostas e espontâneas, conversas sistemáticas com os educadores de sala, crianças e famílias.

A participação ativa dos familiares tornou as ações do projeto bem mais consistentes, pois as atividades desenvolvidas na sala de aula foram replicadas nos ambientes domésticos dos alunos por seus responsáveis. Muitos pais em depoimento relataram que a leitura e contação de histórias aguçam a imaginação e a criatividade, podendo nos levar para os mais diversos lugares, possibilitando-nos assumir os mais diferentes papéis, e que é muito importante o educador favorecer esses momentos de alimento criador para si, e para aqueles que estão sob sua responsabilidade.

O engajamento da equipe da creche também foi muito importante para o êxito do trabalho. Senti necessidade e fui atrás de outras leituras sobre o tema, bem como assisti vários momentos de contação de histórias para melhorar a minha prática e as dos auxiliares e estagiários de sala que comigo trabalhavam. Também percebi a importância de sempre estar pautada nas respostas das crianças, das famílias e demais educadores que trabalharam comigo a fim de revisitar a minha prática para ajustar as ações. Foi preciso primeiro que o professor também se tornasse um leitor, que ele conhecesse bem sua turma para descobrir o que poderia chamar de fio condutor e principalmente quais leituras seriam mais apropriadas para cada faixa etária. Antes de levar um livro para sala, é imprescindível que o professor o leia antes, que saiba empostar sua voz durante a leitura, que traga emoção ao que lê.

Após um ano de implantação do projeto, tanto eu como os pais das crianças participantes percebemos que as atividades desenvolvidas poderiam continuar. No início do ano letivo, os pais me procuraram pedindo continuidade do empréstimo de livros para que o hábito da contação de histórias se mantivesse presente. Também percebi que no momento da troca de roupa das crianças os pais aproveitavam a ocasião para sentarem com seus filhos e folhearem um livro infantil. Com isso, fica claro que o projeto *Vou contar uma história pra tu, tá?* tem robustez suficiente para ser desenvolvido e continuado por vários anos letivos, conseqüentemente podendo ser trabalhado por diversos educadores que acompanharão as crianças na unidade escolar, ou seja, essa experiência pode ser replicada por outros professores. Os profissionais que se inspirarem nessa prática terão estudantes mais criativos, mais falantes, autônomos, e famílias mais próximas participando de forma efetiva de todo o processo, além de estar formando leitores.

Ficou claro para mim que o sucesso do projeto só foi possível graças à participação ativa de todos os envolvidos: educadores, crianças e as famílias. Os educadores contribuíram oferecendo às crianças experiências para que elas pudessem experimentar os prazeres e benefícios das contações de histórias; por sua vez as crianças, desde o início do projeto, aceitaram entusiasmadas participar de todas as atividades que foram oferecidas a elas, mas, sem sombra de dúvida, o envolvimento dos familiares perpetuando em seus lares o hábito da contação de histórias propiciou a criação de uma grande rede de criatividade, estreitando os laços entre pais e filhos, educadores e educandos, pais e educadores. Essa interação refletiu diretamente no comportamento das crianças, reforçando nelas a autonomia, a oralidade, a sociabilidade, bem como a leitura. As relações familiares também foram profundamente impactadas pelos efeitos do projeto. Um exemplo disso, foi a mudança apresentada por alguns pais, que antes do projeto, após a troca de roupa das crianças permaneciam na sala, alheios a seus filhos, com o celular em mãos, passaram registrar no aparelho, tanto em sala de aula quanto em suas casas, quer por meio de fotos quer por vídeos, os momentos lúdicos de contação e criação de histórias entre ambos. Todavia, tal experiência não foi concretizada apenas por meio de realizações exitosas. Ainda que o discurso de meus pares tenha como objetivo colocar a criança como protagonista de sua história, incentivando-a a abrir caminhos rumo ao seu próprio desenvolvimento, surpreendi-me recebendo propostas pedagógicas estranhas a tais conceitos. Pareceu estranho a alguns colegas que eu deixasse as crianças livres para se entregarem a imaginação delas, que eu permitisse que elas contassem sua história como bem entendessem, dando-lhes a liberdade de exteriorizá-la segundo seus próprios critérios. Nada de trabalhar com temas que eu achava interessante, e sim assuntos que elas gostavam e sentiam necessidade. Também os desenhos prontos ou atividades pré-fabricadas nunca foram utilizadas em sala. Apenas as criações das crianças, o seu olhar do mundo, permaneciam expostos nas paredes. A espontaneidade dos alunos deu o tom a todo o trabalho.

Nesse sentido, senti-me impelida, não poucas vezes, a explicar sobre a metodologia que eu estava utilizando junto aos alunos e porque estava aplicando-a, realizando em paralelo ao projeto uma campanha de conscientização voltada para educadores e pais reticentes. Saliento que meu posicionamento nunca objetivou desrespeitar os pontos de vista contrários aos meus, na firmeza de meus propósitos minha intenção foi unicamente viabilizar a execução do projeto. Uma situação que exemplifica esse contexto foi o uso da tecnologia no desenvolvimento do projeto. O *smartphone* foi amplamente utilizado tanto no registro das atividades realizadas em sala quanto nas residências como também foram utilizados como próprio meio para realização

de atividades. Histórias foram contadas e criadas utilizando o celular, depoimentos foram apresentados por meio do celular, a convivência entre os partícipes do projeto foi estreitada pelo uso do celular. Então, para alguns que viam o projeto de longe, observar educadores utilizando o celular no horário do expediente e ainda mais com as crianças presentes pareceu negligência. Trazendo dentro de si o paradigma de que a tecnologia mais atrapalha que ajuda, não imaginaram que nesses momentos estava havendo troca de informações entre educadores e pais, registros de atividades, produção de atividades etc.

Acredito que, após a culminância do projeto, os resultados falaram por si. A elaboração de um livro, as atividades extraclases e a continuidade do hábito da leitura demonstraram a importância do trabalho que foi realizado. E mais deixou claro para educadores e pais que a contação de histórias é uma atividade necessária ao ser humano, sobretudo na infância, cabendo a cada um de nós envolvidos como estamos no futuro de nossas crianças incentivarmos suas histórias.

Reflexão

Essa experiência pode ser replicada por outros professores, inclusive em turmas do Fundamental, em que os estudantes podem ler e/ou contar histórias para seus amigos, famílias e comunidade. Para que isso aconteça, é preciso primeiro que o professor também seja um leitor, que ele conheça bem sua turma para descobrir o que posso chamar de fio condutor, que leituras são mais apropriadas para cada faixa etária.

A principal dificuldade caso queira realizar empréstimo de livros será conseguir alguém para ficar responsável pelos empréstimos dos livros, e conquistar os professores que tem outra concepção de criança.

Os profissionais que se inspirarem nessa prática terão estudantes mais criativos, mais falantes, autônomos, e famílias mais próximas participando de forma efetiva de todo o processo, além de estar formando leitores.